

Magos

REVISTA
CULTURAL

X

Concelho de Salvaterra de Magos

160 anos da descoberta dos concheiros de Muge: 1863 - 2023

160 years of the discovery of the mesolithic shellmiddens of Muge : 1863 - 2023





Mulheres de Muge que participaram na campanha arqueológica no concheiro Moita do Sebastião
Ano 1952

Da esquerda para a direita: Maria da Conceição Saraiva; Maria do Rosário Mendes; Almerinda Trindade Carrapiço;
Rosário Nunes Manaia; Arminda Marques (Gaiata)
Arquivo OVF/JLC. Cortesia de João Luís Cardoso

Women from Muge that participated in the archaeological campaign in the Moita do Sebastião shellmiddens
Year 1952

From left to right: Maria da Conceição Saraiva; Maria do Rosário Mendes; Almerinda Trindade Carrapiço; Rosário Nunes Manaia;
Arminda Marques (Gaiata).
OVF/JLC Archive. Courtesy of João Luís Cardoso

Magos

Revista Cultural do Concelho de Salvaterra de Magos | n.º 10 Ano: 2023

Cultural Magazine of the Municipality of Salvaterra de Magos | n.º 10 | Year 2023

Propriedade | Property

Câmara Municipal de Salvaterra de Magos

Coordenação | Coordination

Presidente da Câmara Municipal de Salvaterra de Magos, Eng.º Hélder Manuel Esménio

Coordenação Científica | Scientific Coordination

Célia Gonçalves

Textos | Text

A. Huet B. Gonçalves

Ana Abrunhosa

Anna Rufá

Célia Gonçalves

Cláudia Costa

Cláudia Umbelino

Dany Coutinho Nogueira

Joana Belmiro

João Cascalheira

João Luís Cardoso

Leonor Filipe

Lino António Faleiro André

Nuno Bicho

Ricardo Miguel Godinho

Roxane Matias

Grafismo | Graphics

Soraia Magriço

Capa | Cover

Campanha arqueológica no concheiro Moita do Sebastião, ano 1954 - Arquivo OVF/JLC. Cortesia de João Luís Cardoso

Archaeological campaign in the Moita do Sebastião shellmiddens, year 1954 - OVF/JLC Archive. Courtesy of João Luís Cardoso

Execução Gráfica | Graphics Execution

Gráfica Central Almeirim Lda

Depósito Legal | Legal Deposit

380652/14

ISSN

2184-7940

Data | Date

Setembro 2023 | September 2023

Tiragem | Circulation

650 exemplares

Distribuição Gratuita

Free Distribution

www.cm-salvaterrademagos.pt

Carlos Ribeiro e o reconhecimento geológico e arqueológico do vale do Tejo: os concheiros mesolíticos das ribeiras de Muge e de Magos

João Luís Cardoso

Universidade Aberta. ICArEHB (Universidade do Algarve).
Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras)
cardoso18@netvisao.pt

Carlos Ribeiro e o reconhecimento geológico e arqueológico do vale do Tejo: os concheiros mesolíticos das ribeiras de Muge e de Magos

Devem-se a Carlos Ribeiro (1813-1882) as primeiras descobertas dos vestígios das mais antigas actividades humanas no baixo Tejo, em 1863, ano igualmente memorável no progresso dos conhecimentos sobre a origem do Homem, não só devido à publicação da obra de Charles Lyell, *"The geological evidences of the antiquity of Man"* (LYELL, 1863), mas também pela descoberta, no vale do Somme, em Moulin-Quignon, perto de Abbeville de mandíbula humana (PERTHES, 1864) que, conforme se veio a verificar pouco depois, correspondia a tentativa de forjar uma prova directa insofismável, que até então faltava, sobre a demonstração da presença humana em tão recuados tempos. Apesar de verificada a fraude, Lyell, que a discutiu detalhadamente, manteve-se firme na autenticidade dos achados de artefactos líticos anteriormente efectuados, suficientes para a demonstração da referida antiguidade, conforme consta de adenda que então produziu ao seu célebre livro (LYELL, 1864, p. 18, 19).

Em Portugal, estavam deste e de outro modo, criadas as condições para Carlos Ribeiro assumir como prioritárias as investigações da mesma índole no vale do Tejo, o que veio a acontecer ao mesmo tempo que, em França se desenrolavam os acontecimentos acima referidos. As circunstâncias em que se deram as primeiras descobertas nos vales das ribeiras de Magos e de Muge, foram relatadas pelo próprio Carlos Ribeiro:

"Foi à custa de não pouco trabalho e de bastantes contrariedades, que no anno de 1863 e seguintes descobrimos, e fizemos colligir sob nossa exclusiva e immediata direcção, tanto os restos de esqueletos humanos, de animaes vertebrados e molluscos no Cabeço de Arruda, Salvaterra e outros logares dentro do valle do Tejo,



Fig. 1 | Carlos Ribeiro (1813-1882). Arquivo JLC

como a maior parte dos numerosos objectos de arte humana pre-historica que em 1868 se viam no museu da Commissão Geologica. Deu origem a estas investigações e descobertas, a necessidade de reconhecermos pelo exame dos factos geologicos, quaes tinham sido os movimentos mais importantes occorridos no nosso solo depois da abertura dos valles de primeira ordem que actualmente o cortam, e indicar quaes d'esses movimentos foram contemporaneos da especie humana; questões estas da mais alta importancia, e que interessam não só á geologia da peninsula hispanica, como á hydrographia e aos difficeis problemas hydraulicos, que a engenharia tem de resolver para a restauração e conservação dos nossos portos e barras" (RIBEIRO, 1871, p. 1, nota infrapaginal).

Note-se que o autor utiliza o tempo passado ao referir-se às colecções expostas em 1868 no museu da Commissão Geológica de Portugal, dado que, em 1871, as referidas colecções já ali se não encontravam, em virtude de terem sido transferidas para a então designada Escola Politécnica, após a extinção da referida Commissão, em dezembro de 1868.

Os registos de campo de Carlos Ribeiro compilados no conjunto da documentação respeitante ao ano de 1863 da Commissão Geológica de Portugal comprovam que foi nos dias 13 e 14 de Abril de 1863 que se deram as primeiras descobertas, conforme a documentação já publicada (CARDOSO, 2015 a; CARDOSO, 2018 a):

"Abril 13 e 14

Digressão ao Paúl dos Magos e determinação de limites. A margem esquerda do Valle do Tejo appresentase em esplanada mui suave desde o Casal ou Quinta do Sargento Mór ate Salvaterra. No valle do Paul de Magos é a margem direita abatida e a esquerda abrupta. As alturas relativas da margem desde a coroa da esplanada ate ao campo andam por 10 a 15,0 m.

Ao da Q.ta da Sardinha óbra de 1 kilometro para O. no sitio do Côte grande e em propriedades do Arneiro do Roquete, depara-se com uma mui grande quantidade de fragmentos de conchas recentes de mistura com arêa solta semi grosseira. Os fragm.tos são n'uma tal quantidade que embranquecem o solo às manchas seg. do a accumulacão é maior ou menor. O seo aspecto é exactamente o d'arêa das praias que tem m.to fragm.to de concha. Por entre esta area ou na superficie encontrasse m.tos bocados destas areas conglutinados com os fragm.tos das conchas parecendo-se com m.tas conglutinações que se encontram nas arenatas da linha de costa, como por exemplo no sitio das Sete Bicas entre a Foz d'Albufeira e a Foz da Fonte.

e o solo de lazo l'ou d'Ataraju
 Abril 13. 14
 Digressão ao Paúl dos Magos e determinação de limites.
 A margem esquerda do Valle do Tejo appresentase em esplanada mui suave desde o Casal ou Quinta do Sargento Mór ate Salvaterra. No valle do Paul de Magos é a margem direita abatida e a esquerda abrupta. As alturas relativas da margem desde a coroa da esplanada ate ao campo andam por 10 a 15,0 m.
 Ao da Q.ta da Sardinha óbra de 1 kilometro para O. no sitio do Côte grande e em propriedades do Arneiro do Roquete, depara-se com uma mui grande quantidade de fragmentos de conchas recentes de mistura com arêa solta semi grosseira. Os fragm.tos são n'uma tal quantidade que embranquecem o solo às manchas seg. do a accumulacão é maior ou menor. O seo aspecto é exactamente o d'arêa das praias que tem m.to fragm.to de concha. Por entre esta area ou na superficie encontrasse m.tos bocados destas areas conglutinados com os fragm.tos das conchas parecendo-se com m.tas conglutinações que se encontram nas arenatas da linha de costa, como por exemplo no sitio das Sete Bicas entre a Foz d'Albufeira e a Foz da Fonte.

Fig. 2 | Extracto das folhas mensais de actividade da Commissão Geológica de Portugal nos dias 13 e 14 de abril de 1863, respeitantes às prospecções realizadas por Carlos Ribeiro nos vales das ribeiras de Magos e de Muge (Paúl do Duque). Manuscrito autógrafo de Carlos Ribeiro. Arquivo JLC

A extensão que ocupa é pequena não chega a 400,0m. É coberto pelas arêas finas pliocenes, mais as que o vento tem posto em movim.to. A sua altitude vai até 14 m. Começando do campo ou de uma pequena valêta forma uma pequena rampa que precede uma planura onde acabam os taes restos animaes.

Os restos que ali se encontram são - Uma phalange que parece de digitígrado Um fragmento de vertebra de mamal terrestre Um fragmento de craneo (osso espesso) - Idem Fragmen.tos d'ossos dos membros locomotores - Idem Fragm.tos de costellas - Idem Pequenos ossos delgados e fragm.tos d'outros -

Garras de Caranguejo -
Buccinum - Tellina - Nucula - Cardium edule - Ostra (???) no estuario do Tejo - Chitton (sic) - Idem - e que se come - Pecten - Solen -

Estas conchas tem algumas as cores, o nacarado, e as outras teem a frescura de conchas novas. São indícios do antigo estuario do Tejo. (...)

Abril 24 - Digressão pela Rapôsa, V.e de Postigo e Machadinhos.

Por cima das camadas de gres avermelhado trigueiro pliocene que formam a escarpa que denominam a Fonte da Burra proximo às Pontes do Ralão logo a sahida de Muge ha as arenatas com abundantes restos de conchas (Cardium, Telina, etc.) a um nivel de 12 m acima dos campos de Muge dentro do Paul. Segui pela Motta da Valla ate metter na estrada que vai à Rapousa (sic) e ao lado della ¼ d'ora depois de deixar a motta encontrase um pequeno cabeço denominado Cabeço d'Arruda. Elle está uns 6,0m acima do Paul. Apresenta para o lado do Paul uma escarpa abrupta formada por uma lumachella de conchas marinas, e ossos d'animaes terrestres tendo 3,0 m de possança visivel. Ali encontrei o Cardium edule, um único bocado de valva de Solen, uma pequena cypraea, sendo a lumachella formada na maior p.te de Fragilias e conchas quebradas pela maior p.te e tudo bivalves. Encontrei também um bocado de mandibula de mamal

terrestre com dentes; uma porção de mandibula de Roedor, uma phalange, e diferentes ossos de roedores e d'outros animaes.

No mesmo deposito do Cabeço d'Arruda encontram-se calhaus de quartzite ate ao tamanho d'óvos de perúa, dispersos d'um modo irregular no interior da massa, e com o seo eixo maior diversamente inclinado ao plano horizontal segundo o qual o deposito se manifesta. Tudo prova que é um deposito de transporte feito por uma corrente violenta que parece ter seguido paralella ao eixo do valle do Tejo e n'uma epocha em que já se tinha feito os depositos pliocenes. Encontram-se neste deposito m.tos fragm.tos de madeira completam.te carbonizada. (...)"

Anteriormente à publicação destas duas transcrições, recolhidas no caderno respeitante aos trabalhos realizados pela Comissão Geológica de Portugal no ano de 1863, tinha-se publicado já um extracto do caderno de campo original de Carlos Ribeiro, pertencente ao Arquivo Histórico do LNEG, onde se dava conta da descoberta do concheiro do Arneiro do Roquete, ou da Quinta da Sardinha, confirmadamente no dia 13 de Abril de 1863 (CARDOSO & ROLÃO, 1999/2000, Documento n.º. 3).

Tais levantamentos de campo estão na origem da identificação do mais notável conjunto arqueológico europeu do Mesolítico Final (BICHO et al., 2013), cuja investigação prossegue até ao presente, pelo ICArEHB (Universidade do Algarve), através dos sucessivos projetos que têm vindo ali a ser desenvolvidos.

São estas as primeiras referências conhecidas respeitantes aos sítios arqueológicos presentemente designados por "concheiros de Muge", mundialmente conhecidos.

Conclui-se que os reconhecimentos geológicos se iniciaram pelo vale da ribeira de Magos, prosseguindo, depois para montante, atingindo o vale da ribeira de Muge, também ela tributária da margem esquerda do rio Tejo. É também o que se pode verificar no Relatório de 1862-1863 da Comissão Geológica, onde se lê que foi a 13 de abril de 1863 que Carlos Ribeiro atravessou o Tejo, com

o intuito de estudar, com o auxílio de dois colectores, “toda a região compreendida pela margem d’este rio, a serra de Montargil e o meridiano de Montemór-o-Novo RELATÓRIO 1862/1863, p. 38).

Na ribeira de Magos, o único concheiro a ser identificado nesta primeira prospecção foi o Arneiro do Roquete,

confirmando as informações publicadas por Carlos Ribeiro anos depois (RIBEIRO, 1884, p. 280). Este concheiro foi também designado pelo topónimo de Quinta da Sardinha, nome que Afonso do Paço haveria ulteriormente de correlacionar com duas outras designações, a Cova da Onça e o Monte dos Ossos, ambos situados na

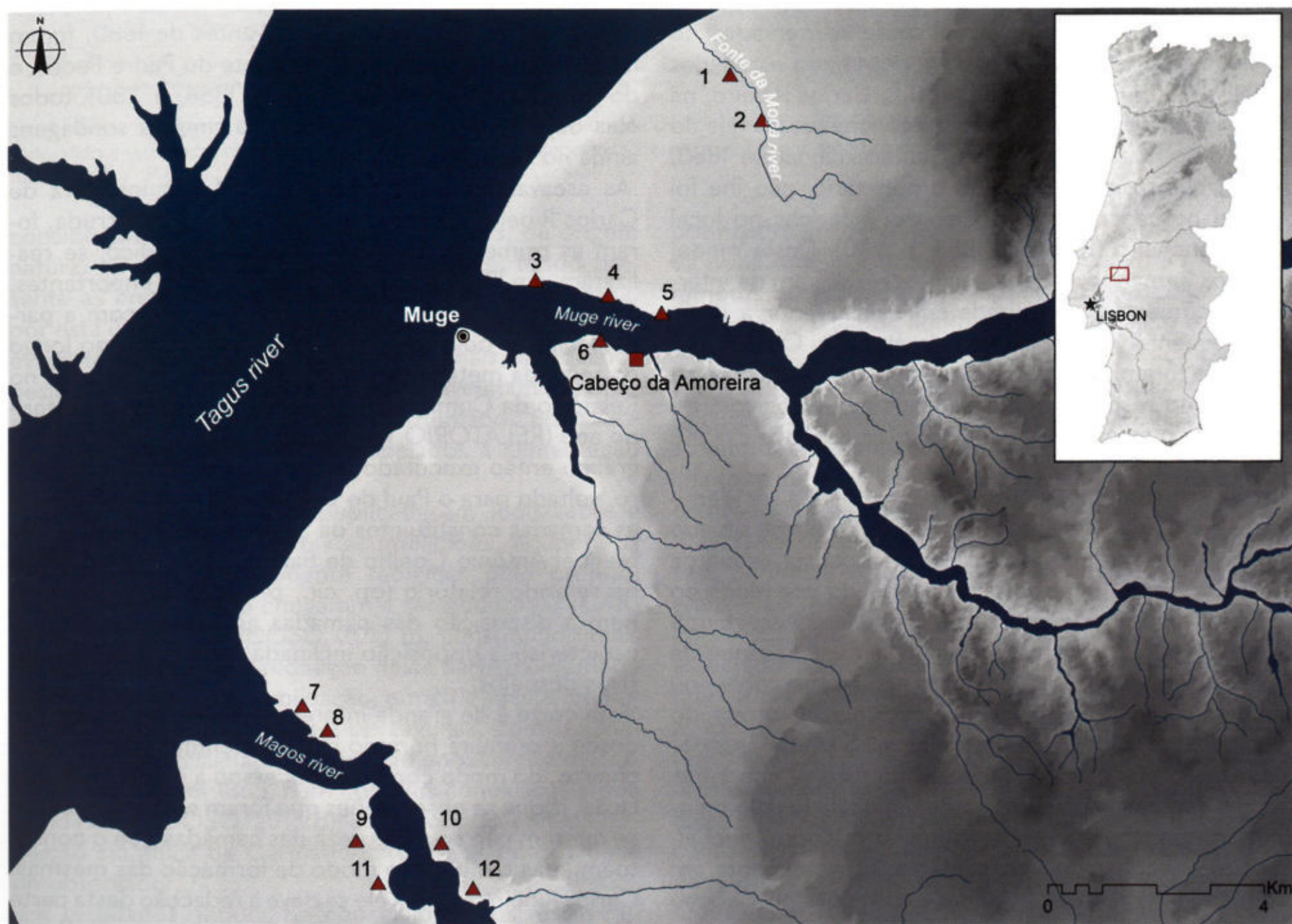


Fig. 3 | Localização geográfica dos concheiros identificados nos vales das ribeiras de Magos e de Muge. 1. Fonte da Moça I; 2. Fonte da Moça II; 3. Fonte do Padre Pedro; 4. Flor da Beira; 5. Cabeço da Arruda; 6. Moita do Sebastião; 7. Cova da Onça; 8. Monte dos Ossos; 9. Cabeço dos Morros; 10. Magos de Cima; 11. Magos de Baixo; 12. Cabeço da Barragem (BICHO et al, 2013)

margem direita da ribeira de Magos (PAÇO, 1938). Deste modo, poderá concluir-se que estes quatro topónimos corresponderão apenas a um sítio arqueológico (CARDOSO & ROLÃO, 1999/2000, p. 85), presentemente conhecido na terminologia arqueológica por Cova da Onça. Na verdade, é a este concheiro que se reporta um assinalável número de restos humanos, correspondentes a mais de 30 indivíduos, actualmente conservados no Museu Geológico, os quais foram entretanto estudados (CUNHA & CARDOSO, 2002/2003). Carlos Ribeiro, na sua única publicação dedicada aos concheiros do vale do Tejo, apresentada ao Congresso Internacional de 1880, declara que, por oposição do proprietário, não lhe foi possível proceder a escavações arqueológicas no local desse concheiro (RIBEIRO, 1884, p. 280). Deste modo, os restos humanos dali provenientes resultaram de intervenção arqueológica realizada em data ulterior a 1880, provavelmente por Francisco de Paula e Oliveira, os quais não foram à época objecto de estudo, tal como se verificou no respeitante aos espólios arqueológicos, estes apenas publicados em 1947 (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1947).

Já na ribeira de Muge, o primeiro concheiro a ser identificado por Carlos Ribeiro foi o da Fonte da Burra, situado a pouca distância da povoação e na encosta esquerda da ribeira, sendo ulteriormente designado por Moita do Sebastião, nome que conservou até hoje. Prosseguindo de jusante para montante, ao longo da margem esquerda da ribeira de Muge, Carlos Ribeiro não se apercebeu, ou não mencionou, nesta primeira incursão exploratória, do concheiro do Cabeço da Amoreira, a 1,5 km do anterior e do mesmo lado do vale, apesar de este se encontrar bem evidente na paisagem, sendo denunciado pelo montículo de conchas que o constitui; o referido concheiro só foi reconhecido ulteriormente, provavelmente em 1864, aquando da realização das escavações no Cabeço da Arruda.

Prosseguindo para montante, Carlos Ribeiro atravessou o Paúl do Duque e, já na margem direita do vale, identificou o concheiro do Cabeço da Arruda, aquele onde se iniciaram as escavações, em 1864, continuadas depois, em 1880, quando foram visitadas pelos participantes da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Histórica na excursão a Muge então organizada. Ainda antes de 1880, foram identificados os concheiros da Fonte do Padre Pedro, e do Cabeço da Amoreira (RIBEIRO, 1884, p. 280), todos eles objecto de escavações ou de simples sondagens ainda no século XIX.

As escavações efectuadas em 1864 por iniciativa de Carlos Ribeiro no concheiro do Cabeço da Arruda, foram as primeiras que, com método científico, se realizaram em Portugal e de longe as mais importantes. Os trabalhos foram dirigidos pelo próprio, com a participação de dois colectores, tendo decorrido ao longo da segunda metade do ano de 1864, conforme se lê no Relatório da Comissão Geológica respeitante ao referido ano (RELATÓRIO 1864/1865, p. 97). O corte estratigráfico então executado do lado sudoeste do concheiro, voltado para o Paul do Duque, que atravessou todas as camadas constituintes da acumulação, da autoria de Manuel António Coelho de Barros, conforme se indica no referido relatório (op. cit., p. 106, 107), evidenciou bem a disposição das camadas arqueológicas, com a característica disposição inclinada, resultante de sucessivos despejos.

Este corte é de grande interesse para o conhecimento, desde a primeira hora do estudo científico destes concheiros, do modo como se processou a referida acumulação, já que as observações que foram então publicadas se referem não só à natureza das camadas que o constituem, mas também ao modo de formação das mesmas. Carlos Ribeiro – pois a ele se deve a redacção desta parte da memória, embora esta seja assinada apenas por Pereira da Costa – depois de discutir detalhadamente as condições que presidiram à acumulação destes depósitos,

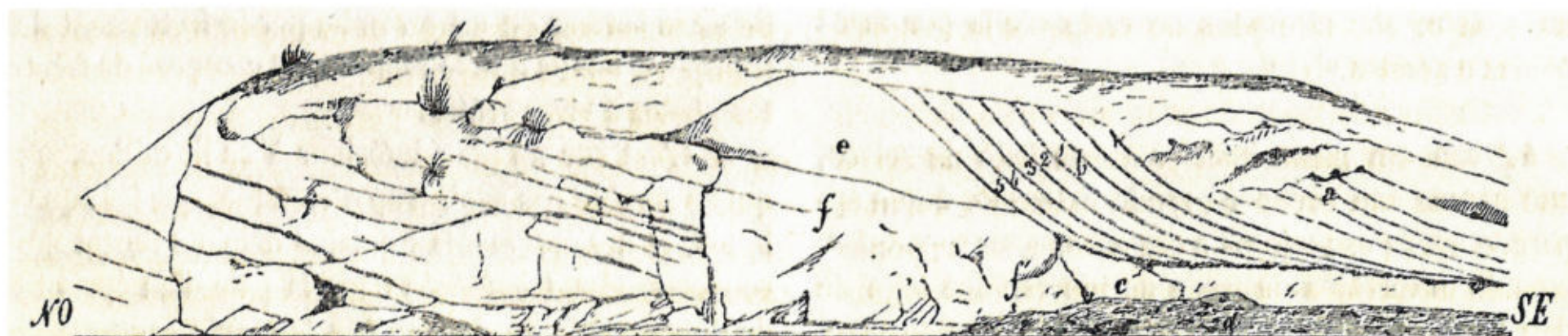


Fig. 4 | Corte estratigráfico longitudinal executado na encosta sudoeste do concheiro do Cabeço da Arruda, voltada para o Paúl do Duque, evidenciando a estratificação oblíqua laminada resultante dos sucessivos despejos realizados a partir da parte mais alta do concheiro (seg. COSTA, 1865, Fig. 2)

considerando as duas alternativas possíveis, de origem natural ou antrópica, optou, naturalmente, tendo presente as importantes evidências da presença humana, por esta última. Para além dos restos de mamíferos com evidentes marcas de fracturas intencionais, valorizados nesta perspectiva por Carlos Riveiro, aveultam, naturalmente, para além dos esqueletos humanos encontrados, os restos de moluscos associados à alimentação humana.

Note-se que a discussão publicada em 1865 sobre a origem da formação destas acumulações recupera as considerações anteriormente redigidas pelo próprio, mas que à época não chegaram a ser publicadas (CARDOSO, 2013 a; CARDOSO, 2013 b), constituindo mais uma evidência de que redacção desta parte da memória é de sua autoria. A republicação, em 2018, desta memória pioneira das Arqueologia portuguesa, com notas e comentários do signatário, permitiu enquadrar a discussão publicada em 1865, bem como as conclusões então obtidas (CARDOSO, 2018 b), evidenciando a sólida formação científica de Carlos Ribeiro e a sua capacidade de observador.

Os resultados obtidos no concernente aos restos humanos foram publicados na mesma memória por Pereira da Costa (COSTA, 1865), só por si assinada, naquela que foi a primeira monografia sobre uma estação

pré-histórica do território português. No longo título da publicação: *“Da existência do Homem em epochas remotas no valle do Tejo - primeiro opusculo. Noticia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda”* era já patente a preocupação de demonstrar a antiguidade do povoamento humano do território português. Pereira da Costa evidencia, no respeitante à componente antropológica de sua estrita responsabilidade, o pleno domínio do objecto do estudo, o qual, centrado em alguns dos restos humanos recuperados, não deixa de evidenciar a actualização científica dos seus conhecimentos, através do uso que fez da bibliografia mais relevante ao tempo disponível.

Pode estranhar-se o facto de Carlos Ribeiro não ter sido associado como autor à referida publicação, uma vez que foi ele a reconhecer o sítio arqueológico e a dirigir as escavações de que resultaram os espólios estudados (CARNEIRO, MOTA & LEITÃO, 2013), a que acresce a própria redacção da parte da obra respeitante às condições geológicas e de constituição do concheiro em causa. Mas esta é uma questão que não pode ser abordada pelos critérios científicos vigentes na actualidade. Com efeito, a própria separação claramente estabelecida, das tarefas atribuídas aos dois membros co-directores da Comissão Geológica, fazia de Carlos Ribeiro o responsável pela execução e coordenação dos trabalhos

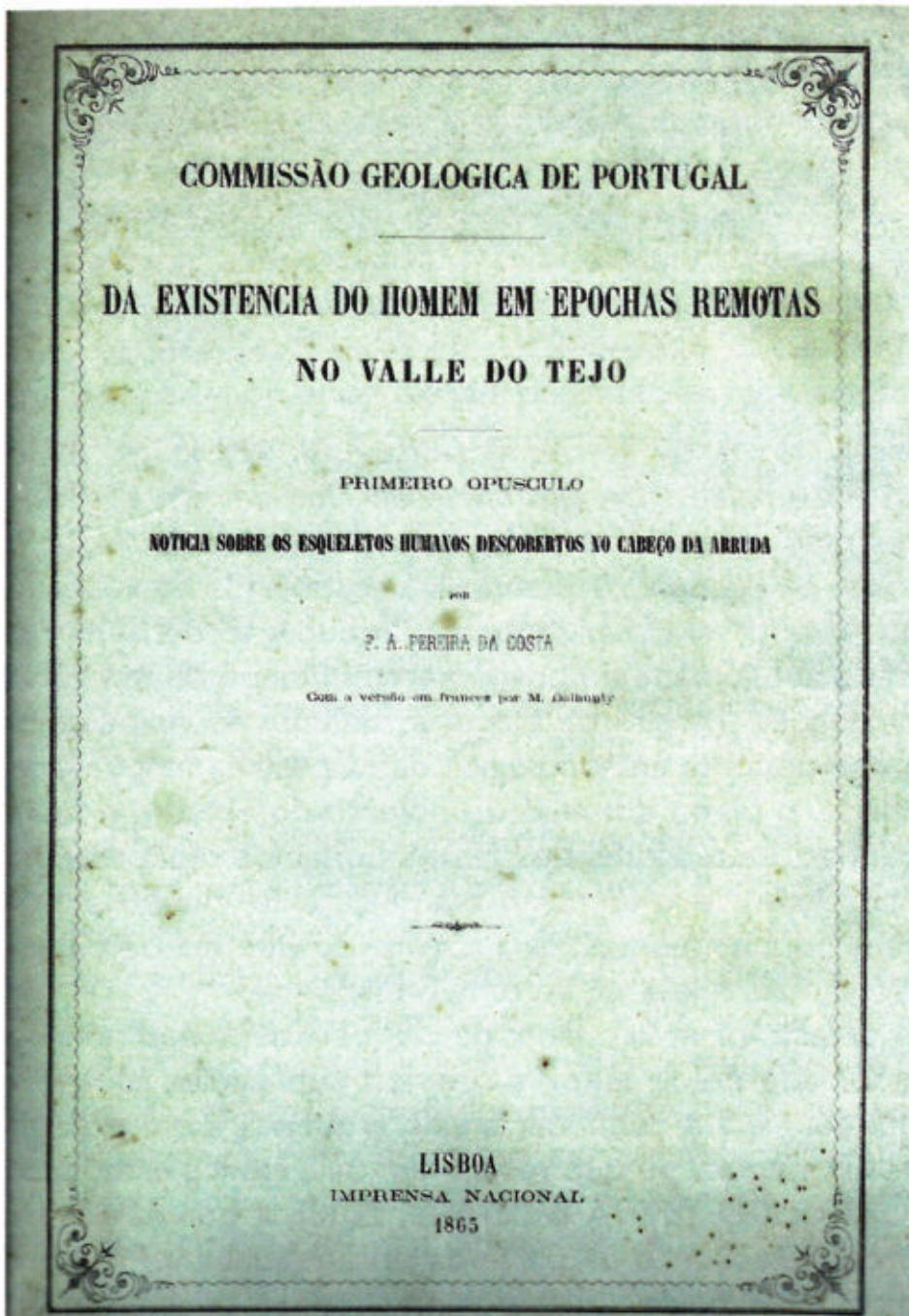


Fig. 5 | Capa da memória de 1865 dedicada ao concheiro do Cabeço da Arruda, publicada pela Comissão Geológica de Portugal. Do exemplar do arquivo pessoal de JLC

de cartografia geológica, e de Pereira da Costa o responsável pelos estudos de gabinete sobre os materiais obtidos no terreno, completando-se assim no quadro dos objectivos cometidos à Comissão. Foi, pois, a existência de um acordo previamente estabelecido que explica a autoria única desta memória por parte de Pereira da Costa, apesar de a mesma ter resultado exclusivamente da actividade de Carlos Ribeiro, já que é provável que o primeiro jamais se tenha sequer deslocado ao local. Não admira, assim, que Carlos Ribeiro se sentisse no direito de, ulteriormente (ver transcrição acima apresentada), quando as relações já estavam cortadas entre ambos desde 1868 (DELGADO, 1905), sublinhar de forma concisa e objectiva, a efectiva autoria da identificação da estação arqueológica e das escavações realizadas naquela que é umas das mais notáveis estações mesolíticas europeias.

É interessante verificar que, aquando da sua identificação, Carlos Ribeiro atribuiu a formação dos concheiros do Arneiro do Roquete e Cabeço da Arruda a causas naturais, e não à actividade antrópica. Esta, no entanto, foi rapidamente valorizada, como acima se referiu, aquando das escavações realizadas no Cabeço da Arruda, em 1864, não só pela interpretação estratigráfica e da natureza dos espólios recuperados, conclusão decisivamente reforçada pela presença de numerosos esqueletos humanos, que então atingiam os 45 indivíduos (COSTA, 1865, p. 13), número muito aumentado pelas escavações realizadas em 1880, sendo alguns deles fotografados in situ, o que constituiu o primeiro registo deste tipo publicado em Portugal (RIBEIRO, 1884, Pl. I, II).

Importa também recordar que foi no decurso das escavações realizadas em 1864 no Cabeço da Arruda, nas quais participou Nery Delgado, então Adjunto da Comissão Geológica, que este recordou as semelhanças entre este concheiro e os célebres concheiros da Dinamarca, conforme declara Carlos Ribeiro em manuscrito recentemente publicado (CARDOSO, 2013 b), ideia suscitada pelo já mencionado célebre livro de

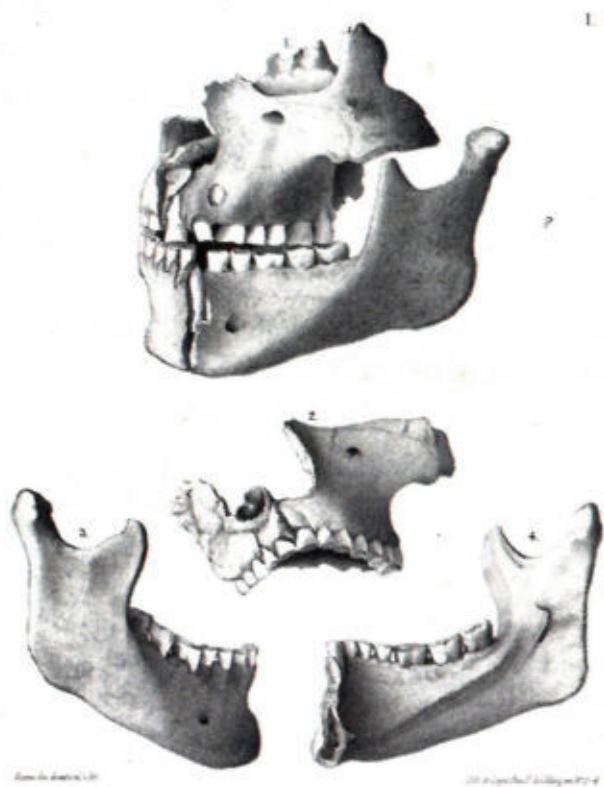


Fig. 6 | Uma das ilustrações publicadas na memória de 1865 reproduzindo fragmentos de crânios e de mandíbulas humanas recuperadas nas escavações de 1864 no concheiro do Cabeço da Arruda. Do exemplar do arquivo pessoal de JLC



Fig. 7 | Vista parcial das escavações realizadas em 1880 no concheiro do Cabeço da Arruda (in RIBEIRO, 1884, Pl. 1). Do exemplar do arquivo pessoal de JLC

Charles Lyell saído no ano anterior (LYELL, 1863), o qual era conhecido dos membros da Comissão Geológica (ver, p. ex., COSTA, 1865, p. 3, onde se explicita tal ideia).

A repercussão internacional destas descobertas contribuiu para a realização, em Setembro de 1880, da IX Sessão do Congresso Internacional de Arqueologia e de Antropologia Pré-Históricas, na qual coube a Carlos Ribeiro desempenhar o papel de anfitrião e principal responsável pela organização da reunião, na qualidade de Secretário Geral. Ali apresentou, já diminuído fisicamente pela moléstia de que viria a falecer, dois anos volvidos, comunicação ilustrando os trabalhos nesse ano realizados nos concheiros do Cabeço da Arruda e de Moita do Sebastião, merecendo destaque especial o número acrescido de esqueletos humanos postos a descoberto em ambos os locais (RIBEIRO, 1884).

Verifica-se, assim, que foi Carlos Ribeiro, quem, em Portugal, desde cedo perspectivou a investigação em Arqueologia Pré-Histórica, como importante fonte de conhecimento, estreitamente articulada com a Geologia do Quaternário. Tal posição espanta, não por ser pioneira, pois esse era o espírito que animava os dois principais obreiros da Comissão Geológica – Carlos Ribeiro e Nery Delgado, como se viria a comprovar através da notável memória sobre a gruta da Casa da Moura, no planalto da Cesareda, da autoria deste último (DELGADO, 1867) – mas sobretudo porque, infelizmente, não teve o desenvolvimento que mereceria: só recentemente, mercê da valorização de uma Pré-História de cunho eminentemente científico, indissociada das ciências da Terra e da Vida, a clarividência demonstrada por Carlos Ribeiro, ele próprio personificando um conhecimento integrado da realidade arqueológica, foi possível demonstrar a sua actuação pioneira, tanto no terreno, como nos relatórios e trabalhos que produziu.



Fig. 8 | Joaquim Filipe Nery Delgado (1835-1908). Do exemplar do arquivo pessoal de JLC

Ciente da importância científica das descobertas até então efectuadas, e do prestígio que, por esta via, advinha para o País, Nery Delgado, nomeado Director da Comissão dos Trabalhos Geológicos em 1882 após o falecimento de Carlos Ribeiro e seu colaborador próximo, encarregou F. de Paula e Oliveira, também ele adstrito à Instituição, de continuar dos trabalhos de campo. Sob sua direcção realizaram-se duas campanhas de escavações, em 1884 e em 1885, nos concheiros do Cabeço da Arruda, Moita do Sebastião e Cabeço da Amoreira, com excelentes resultados, que infelizmente ficaram por publicar, por via da morte prematura do seu autor, exceptuando pequena nota póstuma (OLIVEIRA, 1888/1889). Terminava assim a primeira fase da brilhante investigação promovida pela Comissão Geológica de Portugal entre 1857 e 1868, e logo depois pela Secção dos Trabalhos Geológicos, dirigida desde 1869 por Carlos Ribeiro até à sua morte, ocorrida em 1882.

Referências

- BICHO, N., T. PEREIRA, T.; CASCALHEIRA, J.; MARREIROS, J.; GONÇALVES, C. & DIAS, R. (2013) - The chronology of the Mesolithic occupation of the Muge Valley, central Portugal. *Quaternary International*, 308-309, p. 130-139.
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1947) - Révision des industries mésolithiques de Muge et de Magos (Collections du Service Géologique du Portugal). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 28, 50 p. (separata).
- CARDOSO, J. L. (2013 a) - Carlos Ribeiro, a "Breve notícia acerca do terreno quaternario de Portugal" e a questão do Homem terciário em Portugal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 27-88.
- CARDOSO, J. L. (2013 b) - Carlos Ribeiro e o reconhecimento do Solo Quaternário do vale do Tejo: enquadramento geológico dos concheiros mesolíticos das ribeiras de Magos e de Muge. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 89-100.
- CARDOSO, J. L. (2015 a) - Carlos Ribeiro and Francisco António Pereira da Costa: dawn of the Mesolithic shellmiddens of Muge (Salvaterra de Magos). In Bicho, N., Detry, C.; Price, T. D. & Cunha, E., *Muge 150th: The 150th Anniversary of the Discovery of Mesolithic Shellmiddens*. Cambridge Scholars Publishing (2015), p. 1-18.
- CARDOSO, J. L. (2015 b) - Carlos Ribeiro (1813-1882), as formações quaternárias portuguesas e a antiguidade do Homem: um manuscrito desconhecido. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 22, p. 43-92.
- CARDOSO, J. L. (2018 a) - Primórdios dos estudos pré-históricos em Portugal: os concheiros mesolíticos de Muge (Salvaterra de Magos) e os seus exploradores. In CARDOSO, J. L. & SALES, J. C. (eds.), *In Memoriam Estudos de Homenagem a António Augusto Tavares*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 14-25.
- CARDOSO, J. L. (2018 b) - Primórdios dos estudos pré-históricos em Portugal: os concheiros mesolíticos de Muge (Salvaterra de Magos) e a Memória pioneira de Francisco António Pereira da Costa sobre o concheiro do Cabeço da Arruda. In *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa. 2. Primeiros textos de Pré-História, História e Heráldica* (dir. FRANCO, J. E. & FIOLEAIS, C.). Lisboa: Círculo de Leitores, 2, p. 91-112.
- CARDOSO, J. L.; ROLÃO, J. M. (1999/2000) - Prospecções e escavações nos concheiros mesolíticos de Muge e de Magos (Salvaterra de Magos): contribuição para a história dos trabalhos arqueológicos efectuados. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 83-240.
- CARNEIRO, A.; MOTA, T. S. & LEITÃO, V. (2013) - O chão que pisamos. A Geologia ao serviço do Estado (1848-1974). Lisboa: Edições Colibri.
- COSTA, F. A. Pereira da (1865) - *Da existencia do Homem em epochas remotas no valle do Tejo. Primeiro opúsculo. Noticia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda*. Lisboa: Comissão Geológica de Portugal.
- CUNHA, E. & CARDOSO, J. (2002/2003) - New data on Muge shell middens: a contribution to more accurate numbers and dates. *Muge - Estudos Arqueológicos*. Salvaterra de Magos. 1, p. 171-183.
- DELGADO, J. F. Nery (1867) - *Da existência do Homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelo estudo das cavernas. Primeiro opusculo. Notícia acerca das grutas da Cesareda*. Lisboa: Comissão Geológica de Portugal.
- DELGADO, J. F. Nery (1905) - *Elogio histórico do General Carlos Ribeiro*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- LYELL, Ch. (1863) - *The Antiquity of Man with Remark on Theories of the Origin os Species by Variation*. London: John Murray.

LYELL, Ch. (1864) - Découverte suppose d'un os maxillaire inférieure humain dans la couche supérieure du terrain de Moulin-Quignon, dans les environs d'Abbeville. In *L'Ancienneté de l'Homme. Appendice*. Paris: J. B. Baillièrre et Fils, p. 14-19.

OLIVEIRA, F. de P. e (1888/1889) - Nouvelles fouilles faites dans les kioekkenmoeddings de la vallée du Tage (mémoire posthume). *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*. Lisboa. 2 (1), 27 p. (separata).

PAÇO, A. do (1938) - Novos concheiros do vale do Tejo. Brotéria. Lisboa. 27 (1), p. 66-75.

PERTHES, Boucher de (1864) - *De la mâchoire humaine de Moulin-Quignon: nouvelles découvertes en 1863 et 1864*. Paris: Jung-Treuttel, Derache, Dumoulin, V. Didron.

RELATÓRIO, 1862/1863) - *Relatório da direcção-Geral dos Trabalhos Geodésicos, Chorographicos, Hydrographicos e Geológicos do Reino no anno de 1862-1863*. Original dactilografado. Lisboa: Arquivo Histórico do Laboratório Nacional de Energia e Geologia.

RELATÓRIO, 1864/1865) - *Relatório da direcção-Geral dos Trabalhos Geodésicos, Chorographicos, Hydrographicos e Geológicos do Reino no anno de 1864-1865*. Original dactilografado. Lisboa: Arquivo Histórico do Laboratório Nacional de Energia e Geologia.

RIBEIRO, C. (1871) - *Descripção de alguns sílex e quartzites lascados encontrados nas camadas dos terrenos terciário e quaternário das bacias do Tejo e Sado*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

RIBEIRO, C. (1884) - Les kioekkenmoeddings de la vallée du Tage. IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas (Lisboa, 1880). Actas. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências de Lisboa, p. 279-289.